

# ***O IMPERADOR E O REI: O LIVRO DIDÁTICO NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE A CORTE PORTUGUESA.***

**Profa. Esp. Suzana Oderich Muniz, Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira (orientador)**

**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade o estudo a cerca da construção dos episódios relativos à transmigração e permanência da corte lusitana no Brasil a partir de manuais didáticos de história, voltados ao público escolar das séries finais do ensino fundamental. Baseado na problematização do caráter - o formalmente destinado e o realmente construído - do livro didático e na análise de um conjunto de tradições que produz.

O recorte temporal escolhido para análise – período da chegada da família real no Brasil e lançamento das bases para a sua permanência – justifica-se pela maneira recorrente de enunciar o evento, que contém uma regularidade de sentenças e percepções que se entrecruzam com outros discursos na construção de uma racionalidade sobre as representações do poder e a origem das instituições políticas nacionais.

**Palavras-chave:** 1. Material didático; 2. Educação; 3. História do Brasil.

## **Introdução**

Como objeto material da cultura escolar, o livro didático é portador também de historicidade. Adquirindo, a partir desta assertiva, um duplo enfoque: ele é produto das modificações historiográficas, editoriais e mercadológicas que se impõem por circunstâncias diversas, que serão oportunamente analisadas e é também o produtor de novas abordagens que estão intimamente vinculadas a estes novos cenários. Assim, percorrer sua trajetória e os significados que constrói e reconstrói apresenta-se como um exercício importante e interessante.

É esse percurso, baseado na problematização acerca do caráter - o formalmente destinado e o realmente construído - do livro didático e na análise de um conjunto de tradições produzidas que se pretende construir nas próximas páginas.

O recorte temporal escolhido para análise – período da chegada da família real no Brasil e do lançamento das bases para a sua permanência – justifica-se pela maneira recorrente de enunciar o evento, que contém uma regularidade de sentenças e percepções que se entrecruzam com outros discursos na construção de uma racionalidade sobre as representações do poder e a origem das instituições políticas nacionais.

Dentre os assuntos relacionados à História do Brasil, as temáticas relacionadas à transmigração da família real portuguesa no Brasil têm recebido muita atenção nas últimas décadas. Processo que se acelera com o advento das comemorações do bicentenário da chegada do príncipe-regente, família e corte portuguesa, no Rio de Janeiro, em 1808. Este interesse acabou por ampliar não somente a produção de títulos acadêmicos (AZEVEDO: 2003) e literários (GOMES: 2007), paradidáticos, mas também de filmes e minisséries televisivas, que também figuram como fonte nos manuais didáticos.

No entanto, as produções que resultaram desse interesse no âmbito acadêmico, com a pesquisa e a produção textual, interessantemente não resultaram em uma efetiva releitura ou ressignificação deste episódio nos livros didáticos a luz das evidências historiográficas mais recentes, mesmo em face da ampliação do espaço e importância destinados as novas abordagens historiográficas nas novíssimas coleções didáticas.

Não que possamos pensar que estes manuais tenham por objetivo ou razão de ser a transmissão de toda a riqueza que a academia possa produzir de maneira simultânea, dado que as intencionalidades de um e outro se distanciam apressadamente. Ou num outro sentido, que seja necessário ocultar certas análises, entendidas como mais complexas, em razão da imaturidade ou incapacidade dos alunos.

Mas que, num percurso inverso que a permanência de certas abordagens analíticas sobre este episódio, seus personagens e desdobramentos possa nos permitir levantar as percepções construídas e voluntariamente mantidas sobre o nosso imaginário político. Tão convincentes sobre um passado coletivo quanto úteis a construção da imagem sobre as estruturas políticas nacionais atuais e as possibilidades futuras.

Ainda em relação à temática, percebe-se nos manuais a permanência da visão construída e reproduzida de versões como “fuga” da corte, de “fragilidade” política e diplomática de D. João VI (frente à problemática franco-inglesa), da “lenda negra” sobre Carlota Joaquina, bem como do controle político-econômico inglês sobre a monarquia lusitana, presentes em variadas e recentes coleções didáticas.

Reconstrói-se a cada nova coleção didática, independentemente das influências historiográficas estarem mais para o viés positivista ou marxista, a interpretação que privilegia reprodução de concepções sobre a realidade política e social daquele recorte temporal e espacial, centradas nas figuras de D. João, D. Carlota e a família real, notadamente caricaturais.

Concepções que se prestam a um olhar irônico e essencialista e muito menos a reflexão que se quer crítica. Tangenciam sempre sobre elementos discursivos de maior complexidade, que possam desvincular a construção da identidade da imagem tradicional de colônia em luta contra a metrópole, ou ainda da contraposição interesses portugueses e brasileiros.

Considerando a importância conferida ao evento historiográfico em questão, frequentemente referido como momento chave para o entendimento do processo autonomista nacional, torna-se fundamental investigar seu campo de legitimidade construída e naturalizada socialmente, utilizando para tal uma das principais ferramentas produtora de conhecimento e reconhecimento no âmbito escolar: o livro didático de História.

## Metodologia

Para a análise do recorte histórico delimitado foram escolhidas as seguintes obras: *Saber e fazer História: História geral e do Brasil*, 8º ano, dos autores Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues da Editora Saraiva; *O jogo da História*, voltada à 7ª série, obra produzida por Flavio de Campos, Lidia Aguilar, Regina Caro e Renan Garcia Miranda. E também, o exemplar do *Projeto Radix: história* voltado à 7ª série, obra de Claudio Vicentino.

A seleção pautou-se pela qualidade gráfica apresentada pelos livros, na apresentação, textos, imagens, atividades, além da representatividade das editoras, elemento que repercutiu na ampla adoção dos manuais pelas escolas.

## Resultados e Discussão

O livro *Saber e fazer História* apresenta-se aos estudantes como uma obra que visa apresentar aspectos relevantes do processo histórico ocidental, incluindo a História do Brasil. No entanto, em relação temática, apresenta uma abordagem centrada na crise entre as potências europeias, notadamente Inglaterra e França, colocando Portugal em um papel coadjuvante neste cenário. Ironicamente, entretanto, é Portugal que se localiza no centro da temática proposta e nomeada como crise colonial. O governo português sinaliza, neste episódio entre potências, uma posição de desacato à proibição de fazer comércio com os ingleses.

Mais adiante, a mesma obra aponta ainda para a construção da figura de D. Maria de forma depreciativa. É interessante observar que tal apresentação, dentro do cenário político que está sendo relatado, poderia acontecer de forma lateral, acessória. Mas, a exemplo de outras narrativas, à ironia e a sátira ocupam o espaço reservado aos chamados aspectos relevantes da história nacional.

Uma linha sucessória inevitável - a assunção do príncipe regente diante de limitações da regência da rainha - natural dentro de um quadro de precedência dinástica é construída sobre a força da doença mental da rainha. Tal opção discursiva lança sobre D. João uma carga de suposta incapacidade, pois sua subida ao poder parece estar mais fortemente vinculada à doença materna do que a construções institucionais.

Outro enfoque significativo diz respeito à maneira como a manutenção da unidade do território brasileiro é referida. À revelia da capacidade administrativa e política demonstrada pelos *portugueses* durante o período estudado, a preservação do domínio sobre o Brasil ganha cores de naturalidade e de certa inevitabilidade, como se as escolhas feitas não estivessem alicerçadas em necessária habilidade e capacidade administrativas e de negociação com as elites locais.

Em *O jogo da História*, nos primeiros parágrafos da seção sobre a chegada da corte portuguesa, o texto refere símbolos de brasilidade: a bandeira, o hino, as cores verde e amarela e a seleção de futebol, explicitando a intenção em estabelecer entre amarras entre os elementos constitutivos da nacionalidade e os episódios a serem narrados. Contrariamente à obra anterior analisada, esta obra trabalha com a noção de uma corte portuguesa mais hábil e mais capaz nos seus entendimentos e práticas institucionais. Transpondo tais ações para o âmbito estritamente econômico, o livro reconhece que a corte promoveu uma difícil articulação entre diferentes regiões, o que redundou em crescimento econômico.

Quanto à medida joanina de elevação do Brasil a condição de Reino Unido, a referência é mínima, talvez na proporção inversa aos problemas que poderia levantar: "[...] E, em 1815, o Brasil foi elevado à condição de **Reino Unido**, o que praticamente encerrava sua condição colonial."

O exemplar analisado do *Projeto Radix*, de autoria do professor Cláudio Vicentino, o capítulo intitulado *A independência na América portuguesa* é iniciado a partir de duas imagens, seguidas de perguntas dirigidas ao alunado. A primeira foto é anunciada como sendo de integrantes do MST queimando uma bandeira com a sigla do FMI, em protesto em frente ao Banco Central, em 2004. A outra é apresentada como sendo de estudantes em protesto contra as privatizações, o FMI e a política econômica, em São Paulo no ano de 2001.

O viés provocativo dos questionamentos e das imagens expostas no material seguramente denuncia um modelo interpretativo que se pretende reflexivo e crítico. Mas que, sinaliza o desconforto ao lidar com temas da esfera política e institucional sob paradigmas das estruturas econômico-sociais.

Ao discorrer sobre a vinda da família real para o Brasil, retira do episódio qualquer viés estratégico ou de opção política. A transmigração é tratada como algo quase acidental e exótico, além de despido de maiores interesses.

Ao contrapor o que podemos denominar de elemento luso, inglês e francês, o texto didático estabelece uma leitura racional do episódio, uma lógica para o desenrolar do processo imputadas pela incapacidade lusitana, no oportunismo francês e na avidez inglesa.

A obra *Projeto Radix*, não apresenta o evento elevação à condição de Reino de maneira explanativa. Refere apenas, que a colônia viria a ser chamada de Reino do Brasil ao comentar sobre uma inversão de papéis entre Portugal e Brasil por ocasião da transferência das instituições metropolitanas. A ênfase recai sobre os Tratados de 1810, apresentados como a ampliação da sujeição de Portugal à Inglaterra.

## Conclusões

Ao tomar como norte, neste percurso investigativo, o livro didático e a produção de saberes sobre um recorte histórico, significativo na composição identitária nacional, tornou-se imprescindível resgatar constantemente a representação da *verdade* em Michel Foucault. Dada a própria natureza dos manuais escolares, requerentes de uma autoridade que parece pertencer ao campo da verdade ainda sem refute.

O livro didático de história analisado, voltado ao ensino fundamental, diverge em muito dos materiais produzidos até a década de 90. Sua análise e relações com o um quadro mais amplo da educação, fez surgir obras elementares, e com elas novos manuais escolares.

A percepção dessa trajetória complexa da educação que o livro didático delinea em parte sinaliza as mudanças nas concepções historiográficas e de ensino. Das denúncias sobre o marco ideológico fundante dos livros didáticos da década de 70, analisados pela professora Ana Lúcia de Faria, aos estudos de história cultural do professor Renilso Rosa Ribeiro, um oceano teórico e metodológico se estabelece.

No entanto, a condição de centralidade do livro didático no espaço escolar para alunos e professores, construído a partir do mesmo recorte temporal, sinaliza para uma situação muito próxima aquela. O que reforça a importância dos estudos sobre os manuais, envolvendo diversas áreas do saber, na construção de sua genealogia, continuidades e transformações, usos e práticas que constroem e reconstróem tanto o conhecimento como sua significação.

Neste sentido, o recorte histórico escolhido contempla enriquecedoras possibilidades de análise por fabricar um cenário rico de significados sobre a construção das instituições políticas nacionais. E por outro lado, sinaliza sobre a existência um campo investigativo aberto as construções relacionadas à noção do político ampliadas e reflexivas.

As permanências, mais do que as mudanças, sinalizam sobre a arte de construir os personagens desse episódio. Envoltos em atributos depreciativos e anedóticos, a família real, mantém pulsante as escolhas dos autores dos manuais didáticos.

## Referências

- BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004
- FARIA, Ana Lúcia G de. **Ideologia do Livro Didático**, 11 edição. São Paulo: Cortez, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 20 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004
- FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **O livro Didático de História do Brasil: a versão fabricada**. São Paulo: Global, 1982.
- FREITAG, Bárbara; COSTA, Wanderly F. da; MOTTA, Valéria R.. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GATTI JUNIOR, Décio. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)**. São Paulo: Edusc, 2004.
- GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta, 2007.
- JANCSÓ, István (Org.). **Brasil: Formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec; UNIJUÍ, Fapesp, 2003.
- LIMA, Manuel de Oliveira. **Dom João VI no Brasil (1808-1821)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- MALERBA, Jurandir. **A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da independência. (1808-1821)**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- RIBEIRO, Renilson Rosa. **Colônia(s) de identidades: discursos sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil**. Dissertação de Mestrado em História Cultural. Campinas, SP : [s.n.], 2004. (<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000333678>)
- ROWLAND, Robert. A sombra da corte: representações do povo do Brasil Oitocentista. IN: SCOTT, Ana Silvia Volpi; FLECK, Eliane Cristina D. **A corte no Brasil: população e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX**. São Leopoldo : Oikos, 2008
- WILCKEN, Patrick. **Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro 1808-1821**. Porto: Civilização Editora, 2004.